

**sinopse** Rick é um argumentista que singrou em Hollywood, EUA. Apesar disso, a sua vida é vazia e sem significado. Quando não está a trabalhar, o seu dia-a-dia é marcado pelos excessos: festas, mulheres, álcool e drogas. Por momentos, quase se sente feliz e as mulheres dão-lhe algum alento ou esperança no que o futuro lhe reserva. Tudo o que deseja é encontrar um sentido de autenticidade para a sua existência atormentada. Mas será isso possível?

**Com argumento e realização do aclamado cineasta Terrence Malick ("A Barreira Invisível", "A Árvore da Vida"), "Cavaleiro de Copas" está dividido em oito capítulos, mais o prólogo. Cada capítulo segue a relação de Rick com uma personagem diferente e, à excepção do último (que tem o título de "Liberdade"), cada um possui o nome de uma carta de Tarot. Os actores Christian Bale, Cate Blanchett, Natalie Portman, Antonio Banderas, Brian Dennehy, Freida Pinto, Imogen Poots, Isabel Lucas, Teresa Palmer e Wes Bentley dão vida às personagens.**

Título original: Knight of Cups (EUA, 2015, 118 min.)  
Realização e Argumento: Terrence Malick  
Interpretação: Joe Manganiello, Natalie Portman, Teresa Palmer, Christian Bale, Cate Blanchett, Imogen Poots  
Produção: Nicolas Gonda, Sarah Green, Ken Kao  
Fotografia: Emmanuel Lubezki  
Montagem: Geoffrey Richman, Keith Fraase, A. J. Edwards  
Estreia: 2 de Março de 2016  
Distribuição: Nos Audiovisuais  
Classificação: M/12



## Corpo e alma

Há algo de desconcertante no facto de encontrarmos um ator como Christian Bale envolvido no fascinante labirinto de um filme como **Cavaleiro de Copas**. De uma maneira ou de outra, somos levados a reimaginá-lo como a encarnação de Bruce Wayne/ Batman, dirigido por Christopher Nolan. O certo é que, sob a batuta de Malick, ele é alguém à deriva, por assim dizer à procura da sua própria personagem. Mais do que isso: interpretando um argumentista perdido na máquina de Hollywood, Bale expõe-se numa vulnerabilidade tocante, muito para além de qualquer cliché dramático. Nesta perspetiva, somos mesmo levados a revê-lo num registo muito mais primitivo, quando, com 12 anos, protagonizou o admirável **Império do Sol** (1987), de Steven Spielberg. Há outra maneira de dizer tudo isto: através do seu obsessivo questionamento existencial, Malick é um cineasta que desafia os actores a enfrentar as narrativas, não como a "ilustração" de uma ação, antes como um acontecimento específico e irrepetível em que, em última instância, se joga a misteriosa cumplicidade que aproxima a vida vivida e a vida representada. Podemos considerar que Cavaleiro de Copas é um filme sobre a vacilação de todas as fronteiras humanas: um flashback deixa de ser uma mera recordação de factos vividos para passar a funcionar como a perturbante atualização física desses factos; as próprias paisagens naturais, esplendorosamente fotografadas por Emmanuel Lubezki (há dias distinguido com o Óscar de melhor fotografia, por **The Revenant: O Renascido**), estão para além de qualquer noção decorativa, podendo, no limite, ser encaradas como cenários radicalmente interiores. Se nos ensinaram a desenhar uma linha

entre corpo e alma, Malick filma dos dois lados, ensinando-nos a mais enigmática forma de liberdade.

### **O tempo do amor segundo Terrence Malick**

Depois de "A Árvore da Vida" (2011) e "A Essência do Amor" (2012), Terrence Malick está de volta com uma espantosa viagem interior cujo cenário é Hollywood — tudo se passa entre os cenários artificiais do cinema e as emoções mais radicais das personagens.

Convenhamos que a distribuição tem razões que a razão desconhece... Não é uma questão portuguesa, entenda-se. Neste caso, importa mesmo sublinhar que a estreia portuguesa de "Cavaleiro de Copas", de Terrence Malick, ocorre em Portugal exactamente ao mesmo tempo que nos EUA — que é como quem diz: mais de um ano depois da sua passagem no Festival de Berlim. Como é possível que isto aconteça a um filme de um cineasta como Malick, para mais com um elenco que inclui, entre outros, Christian Bale, Cate Blanchett e Natalie Portman?... Por singular paradoxo, acontece que este é, à sua maneira, um filme sobre a urgência do presente. Ou melhor: sobre a construção, mental e sensorial, que elaboramos do nosso aqui e agora, nesse processo acabando por edificar a estrutura de um tempo único e irreduzível. Que tempo é esse? Muito simplesmente, mas também muito radicalmente, o tempo do amor. A demanda de Rick (Bale) surge pontuada pelas mulheres que, com ele, ou apesar de dele, lhe surgem como imagem efémera de uma redenção que nem ele sabe identificar: este é, afinal, um filme sobre o mais primitivo "quem sou eu?", reformulado numa paisagem de muitos artifícios e ilusões — ser ou não ser.

Que paisagem é essa? Pois bem, Hollywood. À procura de um lugar estável na indústria do cinema, Rick é um argumentista profissional que, de alguma maneira, vai confrontar-se com as ambivalências do mundo sonhado (a expressão "fábrica de sonhos" adquire, aqui, uma renovada pertinência), todos os dias decomposto e recomposto pelos enigmas das relações humanas. Malick filma tudo isso a partir de um olhar ambivalente; como se fosse um "documentarista" que, em última instância, procura a fixação obsessiva dos instantes em que tudo, a paixão e o vazio emocional, a vida e a morte anunciada, parece poder encaixar-se numa ficção capaz de emprestar algum sentido a cada destino individual.

Sem dúvida por isso, "Cavaleiro de Copas", porventura ainda mais que "A Árvore da Vida" (2011) ou "A Essência do Amor" (2012), é um filme que se aproxima de uma respiração eminentemente musical — a ponto de a maior parte das falas das personagens não coincidirem obrigatoriamente com a sua presença nas imagens, gerando um sistema coral de factos e imaginações.

É um cinema de estranho romantismo. Não apenas pelo extremismo da sua pulsão lírica, mas porque perpassa por todos os instantes de "Cavaleiro de Copas" a sensação, sem dúvida perturbante, de que cada vida humana prossegue sempre à beira da mais irreversível decomposição. O amor conserva apenas uma hipótese divina que as personagens talvez consigam pressentir — e, de forma mais ou menos consciente, nós somos cúmplices delas.

*João Lopes, DN / Cinemax*



## **Knight of cups**

*Manuel S. Fonseca, escrevertriste.com, 15 de Março de 2016*

Fui ver o filme de Terrence Malick. Dei comigo a senti-lo. Por vezes, como me acontece em filmes de que gosto muito, fechando os olhos. Digo isto – fechar os olhos – de propósito, para que a multidão que faz *fine bouche* ao Malick a faça também comigo. Gozem à vontade. Há um coro ululante a dizer que Malick não presta. Dizem isto de forma muito sofisticada, que ele se repete, que ele se compraz consigo mesmo, como se Fritz Lang, Jean Renoir, John Ford, Alfred Hitchcock não tivessem feito 20 vezes o mesmo filme. Já nem falo de Howard Hawks que chapou o “Rio Bravo” no “El Dorado”.

Mas que eu caia aqui redondo se era disto que vinha falar... PUMBAS! Olha cá!

E já me levantei. “Knight of Cups”, o filme de Malick que fui ver no sábado à tarde a uma sala do El Corte Inglés, é uma experiência sensorial e já lá vou. Tinham-me avisado, “ai Manuel, vê lá, não gostes”, “ai, Manuel, olha que já toda a gente sabe que tens um gosto que anda pelas ruas da amargura, mas por amor de Deus não te desgraces” e eu já entrei pela sala dentro, com uma raiva ao filme, que estava capaz de o estrefegar. E dois minutos depois, passou-me. Dois minutos de filme e já eu era uma madalena arrependida a esfregar-me com gosto pelas imagens, a senti-las na polpa dos dedos, a sorvê-las como ao mel da boca, digamos assim, amada.

“Knight of Cups”, alertaram-me, não tinha história, nem tinha porra de narrativa nenhuma. E tinham razão. “Cavaleiro de Copas” tem mil histórias que se entrecem numa unidade de que eu me senti o construtor, o narrador. Não era preciso, que Malick faz tudo. Mas como é muito generoso, faz de contas que é o espectador que está a dar sentido ao aparente puzzle que nos passa à frente dos olhos.

Há um homem, Christian Bale. Está em Hollywood e é muito provável que seja um argumentista. Cheguei a duvidar, porque os argumentistas não costumam ficar com as mulheres lindas com que ele fica, em geral privilégio de realizadores ou produtores. Está quase a deitar-se na cama com o sucesso que os *big shots* de Hollywood lhe estão a meter no bolso. Talvez dinheiro a rodos, limusinas, champagne e *ménages à trois*, sexo lavado, ameno, jovem e macio. E a vida passa-lhe pelas meninges, pelo líquido cefalorraquidiano. Os conflitos filhos da puta que teve com o pai, a ambígua relação com os irmãos, um que morreu, outro que sobrevivendo se fodeu. E, como agulhas, espetam-se-lhe na dura-máter, ali coladinha ao crânio, as recordações do seu casamento com Cate Blanchett. Há mais, agulhas, setas, espinhos, uma modelo, uma atriz, um bom molho de meninas e meninas boas ao molho. Até que uma faca lhe atravessa o coração e esse punhal chama-se Natalie Portman e é o amor, o amor que lhe diz que há tanto amor nele, e é uma mulher casada.

Há um homem que recorda isto tudo, entre festas, vagas reuniões de trabalho (como são todas as reuniões de Hollywood), noites de putedo e Las Vegas. É essa a matéria de “Knight of Cups”: um fluxo de memória. Muito melhor do que a grandessíssima treta do fluxo automático de escrita de um século de surrealismo. É essa matéria dicotómica, divergente – estarmos a fazer uma coisa e a nossa memória embrenhar-se noutra – que Malick filma. Filma mesmo: na mesma imagem há dois fluxos de consciência, como se o espírito, a mente, se separasse da carne.

E não vos canso mais com a minha Triste admiração pelo filme. Quero só dizer-vos que este é o filme que mais próximo está da minha experiência de Hollywood, onde fui negociar duas mãos cheias de vezes. Não se trata apenas da geografia. Reconheço a geografia da cidade, mas sobretudo, reconheço as coisas que também eu fiz naqueles locais de Los Angeles, em Santa Monica, na Strip, no L.A. County Museum, em Venice. Ia jurar que o avião que está dentro do estúdio em que estão Bale e Blanchett, o vi num dos grandes *sets* da Paramount, e lá, nos

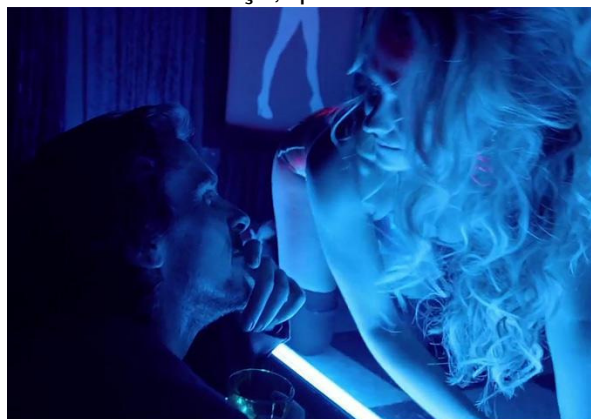
estúdios da Warner, onde se passeiam Bale e Blanchett, passei-me eu, sem as angústias do casal, mas com as minha pueris dúvidas metafísicas.

Deixem-me dizer que a festa de António Banderas é a combinação de uma festa onde fui o último dos convidados, na mansão de Michael Solomon, patrão da Warner, em que tanto falei com Faye Dunaway e ele fez questão em apresentar-me a empregada portuguesa, com outra noite, no Chateau Marmont, a piscina a brilhar e a jovem que se atirou e nadou nua, nua, nuíssima, com a imensa e iluminada Los Angeles aos glamorosos pés dos cem convidados que eramos. O que estou a querer dizer é que não há uma única imagem de “Knight of Cups” que seja gratuita. Se falo de mim é só para sublinhar que há “experiência” em cada cena de Malick.

Já falei de Teresa Palmer? É uma stripper. Despe-se ou sobretudo dança, que é a mais intensa forma de alguém se despir, para Christian Bale.

Mentira, é para mim. Sinto-a despir-se, sinto-a despir-se dentro da minha alma branda e corrupta.

Ela fala, ou melhor, sussurra. E diz coisas espirituais e filosóficas. Que é o mesmo que, sem as *strippers* precisarem de falar, delas ouvi em San Francisco ou em New Orleans (quem é que de uma certa televisão estava comigo que eu já não me lembro, que raio de memória). Essa cena de Malick é de uma incrível intensidade erótica e romântica: carnal, sem que a carne toque a carne, que é proibido tocar; espiritual, pelo sublime que é irrealizadamente olhar, desejar e prometer em cada olhar.



Se é tudo, perguntam-me? Não é e talvez eu, envergonhado, já nem tenha jeito de dizer o que que vi ou senti quando Cate Blanchett faz o favor de explicar à memória de Christian Bale porque razão já o deixou ou sempre teria de o deixar. Nem vos digo, porque vou tentar dizê-lo na crónica do Expresso no sábado que vem, como é que Natalie Portman me caiu nos braços. Ou talvez tenham sido só as mãos dela nas minhas mãos, o dedo grande do pé dela a oferecer-se ao beijo da minha boca.

Sim, vou ver “Knight of Cups” outra vez.